

AFFONSO HELIODORO

‘Não era para ser megalópole, como maus governos foram fazendo’

• Remanescente do gabinete de JK e responsável pelo Plano de Metas, o coronel Affonso Heliodoro afirma, aos 94 anos, que Brasília deu certo. No escritório de sua casa, cercado de fotografias com o ex-chefe e amigo, ganha destaque o telegrama de JK a caminho do exílio: “Deus lhe pague”.

O GLOBO: *Como era a cidade que o senhor ajudou a construir?*

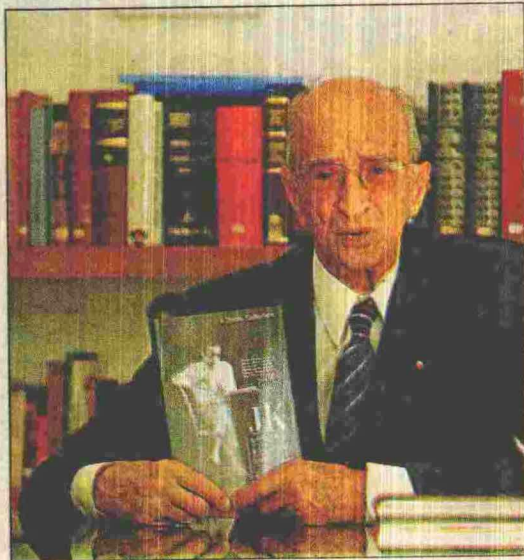
HELIODORO: Dormi no Catetinho e no Palácio da Alvorada, antes de ficarem prontos. Tudo foi feito a toque de caixa. Uma vez, o presidente foi segurar em um corrimão de madeira no Palácio e ele soltou na sua mão. O presidente quase caiu. Todos morremos de rir. Eram 24 horas intensas de trabalho, que acompanhava a dinâmica do Israel Pinheiro.

• *O que mais o impressionava?*

HELIODORO: Era tudo tão rápido que você saía de casa de manhã por uma passagem improvisada e, quando voltava, ela não estava mais lá. Já era uma parede, um alicerce qualquer. Durante a construção, era chuva e lama, sol e poeira. E Juscelino, sempre presente. Incentivava os operários, batia no ombro deles.

• *Valeu a pena?*

HELIODORO: A alegria dos trabalhadores era uma coisa fantástica. É verdade que houve acidentes de trabalho. Não foi o que tentaram alardear. Aconteceu, como em qualquer lugar, ainda mais com a velocidade com que tudo era feito. Mas o benefício para o país foi tão



Gustavo Miranda

grande que tudo valeu a pena. O Brasil se expandiu por uma região de 6,5 milhões de quilômetros quadrados, que era praticamente desértica, ocupada por apenas cinco milhões de habitantes. Não era para ser uma megalópole, como maus governos foram fazendo.

• *Dizem que as obras chegaram antes da infraestrutura.*

HELIODORO: Não é verdade. Isso era coisa da UDN.

• *Até hoje se fala nos custos da construção de Brasília.*

HELIODORO: Houve uma valorização enorme dos imóveis aqui. O desenvolvimento foi muito forte. Não tem nada desta história de que quebrou os insti-

tutos — os fundos de previdências das diversas categorias.

• *Também houve muitas acusações de corrupção.*

HELIODORO: Juscelino morreu pobre, assim como o Israel. Essa casa não é minha. É da minha mulher. Vivo da minha aposentadoria. Tive um poder muito grande, que envolvia metas, empregos, dinheiro. Tinha dólar na gaveta para fazer os pagamentos. Não vou dizer que os que vieram depois ficaram pobres.

• *O senhor achava que Brasília ia deslanchar?*

HELIODORO: Eu disse uma vez: “Presidente, esse pessoal não vai para Brasília”. Ao que ele respondeu: “Onde está o cofre e também o poder, vai todo mundo”. Ele pegou um Brasil subdesenvolvido e deixou em alto desenvolvimento. Um país que importava esferográficas e passou a exportar automóveis e navios. As eleições na capital foram danosas porque o Joaquim Roriz encheu a cidade de pessoas. Brasília era para ser o Plano Piloto. O direito de ir e vir é legítimo, não o de trazer pessoas. Há invasões em terrenos pela cidade.

• *Brasília deu certo?*

HELIODORO: Deu certíssimo. A despeito dos maus governos, Brasília está cumprindo o seu papel com a administração centralizada. A finalidade precípua era a conquista do Centro-Oeste.